

O que os Olhos não Veem...: Autopesquisa e Gesconografia nos Colégios Invisíveis da Conscienciologia

Wanderley Carvalho

Resumo Colégios Invisíveis da Conscienciologia têm, no rol de suas atribuições, gerar *verpons* a partir de pesquisa individual e grupal. Entre os principais entraves ao cumprimento dessa tarefa estão o significativo desconhecimento quanto ao que seja pesquisa e/ou a falta de habilidade em comunicar-se por escrito. Este trabalho argumenta em favor da formação inicial de pesquisadores em Conscienciologia no âmbito dessas Organizações Conscienciocêntricas. Inicialmente, são tecidas considerações a respeito da estrutura geral da Ciência não conscienciológica e da Conscienciologia, seguidas de ponderações sobre o papel da gesconografia nesse contexto. Subsequentemente, a experiência do autor enquanto protagonista de um projeto de iniciação à pesquisa é detalhadamente descrita e apreciada. O texto é finalizado com argumentos favoráveis a esse tipo de iniciativa, acompanhados de uma sugestão de conteúdo programático.

INTRODUÇÃO

Os Colégios Invisíveis da Conscienciologia são organizações conscienciocêntricas (OCs) não-institucionalizadas resultantes da

reunião, mediante vínculo consciencial pela ideia, de pesquisadores em torno de especialidades da Conscienciologia para realizar otimizações nas pesquisas conscienciológicas através de contatos assíduos (multidimensionais, virtuais e presenciais), visando a comunicação efetiva de suas investigações (Almeida, 2000, p. 197).

Para tanto, essas organizações conscienciocêntricas necessitam que, entre seus membros, predominem aqueles com perfil pesquisístico e ação equilibrada entre parapsiquismo e mentalsoma. De caráter idiográfico, as investigações de um Colégio Invisível da Conscienciologia transcorrem, primeiramente, no laboratório consciencial (*labcon*) do próprio pesquisador. Não obstante, a realização simultânea de experimentos, técnicas e vivências pode conduzir, por indução, à formulação de conclusões gerais provisórias ou verdades relativas de ponta (*verpons*) grupais. Consequentemente, as gestações conscienciais (*gescons*), ao modo de publicações técnico-científicas, resultantes desse esforço coletivo, fazem do Colégio uma maxiproéxis grupal (Almeida, 2000, p. 198-199).

Como se pode ver, pesquisa e escrita estão intimamente relacionadas, guardando entre si certo grau de interdependência. Neste ponto, oportuno se faz citar o destaque feito por Seno (2013, p.169) quanto à importância dos trinômios: *pesquisar-analisar-grafar* e *ideia-reflexão-registro*. Porém, é preciso cautela para não incorrer no equívoco de identificar entre as atividades acima uma sinonímia que não existe. Trata-se de instâncias distintas, cada qual com características, propósitos,

normas e estilos próprios. Em que pesem os pontos de convergência e articulação porventura existentes, as habilidades e competências mobilizadas são particulares para cada uma delas.

Ocorre que, ao longo de 18 anos enquanto voluntário da Conscienciologia, seja em Instituição Conscienciocêntrica (IC), seja em Colégio Invisível, sempre respondendo, total ou parcialmente, pelas atividades de pesquisa e publicação, este autor vem constatando elevado índice de voluntários que, a despeito do título ‘pesquisadores’ que lhes é atribuído já a partir de seu ingresso, desconhecem teórica e praticamente o que sejam pesquisar e escrever, da mesma maneira as diferenças entre ambas as atividades. Em síntese, sabem que não sabem, mas desconhecem o que de fato não sabem.

Na experiência deste autor, este quadro suscita intervenção que capacite o voluntário a conduzir suas próprias investigações e comunicá-las textualmente.

No âmbito da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional (CCCI), ICs e Colégios Invisíveis realizam suas atividades por meio de atuação voluntária de seus membros e, portanto, sem fins lucrativos ou vínculo empregatício. Nesse contexto, especialmente no que se refere às ICs, existem numerosas e bem-sucedidas iniciativas, a exemplo de cursos, laboratórios e campos mentaissomáticos, cuja finalidade é capacitar qualquer interessado, voluntário ou não, a realizar pesquisa e produzir *gescons*.

Contudo, fatores diversos, entre os quais figuram a limitação financeira e a falta de disponibilidade, muitas vezes atreladas a uma certa dose de insegurança, bloqueiam o processo formativo – geralmente o inicial – e, conseqüentemente, a autopesquisa.

Ora, os Colégios Invisíveis da Conscienciologia destacam-se por serem *conviviais, assistenciais e organizacionais* (Almeida, 2000, p. 198-200), o que nos remete a uma possível responsabilidade que lhes caiba no sentido de proporcionar, a seus membros, ao menos uma formação inicial em pesquisa.

Neste artigo, apresento uma proposta para formação inicial de pesquisadores em Conscienciologia, pautado por experiência similar conduzida em Colégio Invisível dessa neociência. Tendo em vista tratar-se de proposição derivada de vivência pessoal, recomenda-se ao leitor(a) que empregue o Princípio da Descrença: *“não acredite em nada, nem mesmo no que estiver escrito neste artigo, tenha suas próprias experiências.”*

A estrutura do presente texto contempla, além da Introdução e das Argumentações Conclusivas, 4 seções:

- I. Ciência não conscienciológica
- II. Conscienciologia
- III. Gesconografia: a Comunicação Científica
- IV. Autopesquisa e Gesconografia em Colégio Invisível da Conscienciologia: uma Experiência

I. CIÊNCIA NÃO CONSCIENCIOLOGICA

Disputas travadas entre as diversas áreas do saber dificultam o consenso quanto ao que seja Ciência, embora a gama de definições existentes possuam vários pontos em comum, tais como o rigor e a aquisição metódica de conhecimento, por exemplo.

Para Japiassu & Marcondes (1993, p. 48), trata-se, em sentido lato e clássico, de “um conjunto de conhecimentos metodicamente adquiridos, mais ou menos sistematicamente organizados, e suscetíveis de serem transmitidos por um processo pedagógico de ensino”. Atualmente, segundo os mesmos autores, “a ciência é a forma de conhecimento que não somente pretende apropriar-se do real para explicá-lo de modo racional e objetivo, mas procura estabelecer entre os fenômenos observados relações universais e necessárias, autorizando a precisão de resultados (efeitos) cujas causas podem ser detectadas mediante procedimentos de controle experimental” (Ibid.).

Vieira (2009, p. 11), por seu turno, considera Ciência como: conjunto de conhecimentos relativos a determinado objeto, especialmente obtidos mediante a observação, verificação, experiência, quanto aos fatos e método próprio; sistema de proposições rigorosamente demonstradas, constantes e gerais, ligadas entre si pelas suas causas determinantes ou constitutivas.

Por seu dinamismo intrínseco à própria atividade humana, o conhecimento oriundo da atividade científica expandiu-se ao longo do tempo, o mesmo ocorrendo com a Ciência em si. Oliveira (2020, p. 148-149) alude a uma classificação segundo linha gradual de desenvolvimento, a saber:

1. Ciências Formais (Ex: Matemática e Lógica)
2. Ciências Naturais (Ex: Química, Física, Biologia, Medicina)
3. Ciências Sociais (Ex: Política, Sociologia, Antropologia, História)
4. Ciências Humanas (Ex: Psicologia)

Equívocos de diversas ordens, disputas por hegemonia e notoriedade, além das fortes influências exercidas pelo movimento filosófico conhecido como positivismo, levaram as Ciências Formais e Naturais a assumir papel de modelo ou referência para toda e qualquer forma de conhecimento que se pretenda científica, levando as demais áreas do saber a serem consideradas menores por meio de adjetivos ao modo de “ciência mole” e “pseudociência”. Este último costuma estar presente em indagações vindas de alunos e espectadores dirigidas a docentes e palestrantes da Conscienciologia, com o intuito de certificar-se de que esta é, de fato, a neociência que anuncia ser.

Este autor entende que tanto a Conscienciologia quanto as quatro grandes áreas supracitadas integram um gigantesco corpo de saberes ao qual se pode – e deve – atribuir o nome de Ciência. Cada ramo ou especialidade que integre uma dessas áreas possuirá um objeto de pesquisa que lhe é próprio e, conseqüentemente, atuará à luz de determinado paradigma, produzindo conhecimento por meio de métodos, técnicas e instrumentos específicos. Afinal, não há qualquer sentido em estudar a consciência da mesma maneira que se estudam as propriedades de um chamado “gás ideal”!

Neste ponto, pode ser bastante elucidativo recorrer aos estudos de Schwab (1977, p. 163) a respeito do que ele denomina “estrutura de uma disciplina”, esta entendida como área do saber e não enquanto ‘matéria’ escolar. Para o autor, em todo ramo do conhecimento sistematizado podem-se distinguir duas dimensões: a *conceitual* e a *sintática*.

A dimensão conceitual corresponde a todo o corpo de conceitos ou considerações sobre a natureza de um determinado assunto, com base no qual se dá o processo de investigação. Na dimensão sintática, enquadram-se aspectos relativos ao método, ao padrão de procedimentos através dos quais, fazendo uso de seu corpo conceitual, uma disciplina busca atingir seus objetivos.

Retornando ao exemplo dado três parágrafos acima, as dimensões conceitual e sintática de uma ciência que se propõe a investigar a consciência não podem, nem de longe, ser as mesmas de uma outra cujo objeto de estudo é um gás.

Isto posto, e considerada a gama de objetos de estudo e paradigmas existentes, o mais apropriado seria falar em “métodos científicos” no lugar de “método científico” (Zaslavsky, 2019, p. 149).

CIENTIFICIDADE

Este termo remete aos critérios empregados para definir o que seja conhecimento científico, distinguindo-o de todos os outros saberes ditos não-científicos. Na tradição lógico-empirista, tais critérios correspondem à verificabilidade experimental, representada pela reprodutibilidade (repetição) e/ou previsibilidade de um fenômeno, sempre que as condições que supostamente o produzem estiverem presentes.

Vale acrescentar a visão alternativa do filósofo Karl Popper (1902-1994), para quem a refutabilidade é o critério por excelência para distinguir entre o que é ou não científico. Na concepção popperiana, a Física é uma Ciência porque realiza previsões que podem, ao menos em princípio, ser refutadas pela experiência, enquanto a Psicanálise, por contar com fatos que a confirmam sempre, é considerada não-científica (Japiassu & Marcondes, 1993, p. 49).

Ao modo de adendo, cumpre listar os 8 critérios estabelecidos pelo biólogo John A. Moore (1915-2002) para que uma determinada atividade possa ser qualificada como científica:

1. Uma ciência deve estar baseada nos dados coletados em campo ou laboratório, por observação ou experimento, sem invocar fatores sobrenaturais.
2. Os dados devem ser coletados para responder questões; observações devem ser feitas para reforçar ou refutar conjecturas.
3. Métodos objetivos devem ser empregados de modo a minimizar possíveis desvios.
4. As hipóteses devem ser consistentes com as observações e compatíveis com a construção conceitual geral.
5. Todas as hipóteses devem ser testadas e, se possível, hipóteses rivais devem ser desenvolvidas, e seu grau de validade (capacidade de resolver problemas) deve ser comparado.
6. Generalizações devem ser universalmente válidas no domínio de uma ciência particular. Eventos únicos devem ser explicáveis sem invocar fatores sobrenaturais.
7. A fim de eliminar a possibilidade de erro, um fato ou descoberta deve ser completamente aceito somente se (repetidamente) confirmado por outros pesquisadores.
- 8) A Ciência é caracterizada por um aperfeiçoamento constante de teorias científicas, pela substituição de teorias incompletas ou imperfeitas e pela solução de problemas previamente enigmáticos (Moore, 1993 apud Mayr, 1997, p. 30-31).

Por fim, a título de síntese, ainda que incompleta, seguem-se, em ordem alfanumérica, 12 atributos do conhecimento científico mais identificado com o empirismo lógico:

01. Construção de um modelo ideal do objeto ou contexto.
02. Controle de variáveis.
03. Elaboração de hipóteses.
04. Emprego da razão.

05. Generalização.
06. Interdependência conceitual.
07. Mensurabilidade.
08. Predictibilidade.
09. Problematização.
10. Refutabilidade.
11. Reprodutibilidade.
12. Teste de hipóteses (experimento).

II. CONSCIENCILOGIA

O livro *Projeções da Consciência*, lançado em 1981, marca o surgimento da Conscienciologia,

Ciência aplicada ao estudo da consciência apresentando forma abrangente, integral, multidisciplinar, multicultural, multidimensional, multitemporal, multiexistencial, holopensênica, holomnemônica, holobiográfica, holocármica, holossomática e, sobretudo, segundo as reações perante as energias imanentes (EIs) e as energias conscienciais (ECs), bem como os múltiplos estados, níveis de acuidade e condições de manifestação, através das auto e heteropesquisas dos atributos mentaissomáticos, paracerebrais (Paracerebrologia) e fenômenos conscienciais em geral (Vieira, 2018, p. 6.619).

Desde seus primórdios, a Conscienciologia procurou afirmar-se enquanto uma paraciência, ou seja, um ramo do saber que obtém seus achados por meio de auto e heteropesquisa científica que abrange, entre outros, a multidimensionalidade e a multiveicularidade e, portanto, requer a utilização e o desenvolvimento do parapsiquismo, posto que, embora úteis e muitas vezes indispensáveis, os instrumentos e técnicas da Ciência convencional não se mostram suficientes.

Tendo a consciência enquanto objeto de estudo, sempre com foco na autoevolução, a Conscienciologia surge com a clara proposta de promoção do autoconhecimento, via autopesquisa. Esta consiste no “estudo de si mesmo com todas as consequências daí advindas, onde o pesquisador, homem ou mulher, é, ao mesmo tempo, o objeto, o experimentador, o sujeito, a autocobaia voluntária e o campo de pesquisa, sendo, em tese, sempre evolutivo e cosmoético” (Vieira, 2003, p. 1.098). Nessa perspectiva, a dicotomia sujeito-objeto, típica da vertente positivista, queda-se rompida.

O mais inteligente é a conscin pesquisadora estudar a si mesma, neste atual momento evolutivo, sempre conectando os estudos com suas prováveis vidas pregressas, a fim de ampliar as variáveis investigativas (Vieira, 2014, p.1.301).

Em sua relação com a multidimensionalidade e a pluriexistencialidade, a consciência é objeto altamente complexo, o que torna seu estudo igualmente complexo. Tal fato levou à criação de centenas de especialidades e respectivas subespecialidades, cada qual com dimensões conceitual e sintática próprias, ainda que os pilares paradigmáticos se mantenham os mesmos.

Em suma, “as especialidades obtêm conhecimentos de modo diferente, pois utilizam métodos distintos” (Zaslavsky, 2021, p.437). Por exemplo, o estudo biografológico de uma re-tropersonalidade que viveu no século dezoito não emprega os mesmos instrumentos e técnicas

utilizados em uma investigação sobre os efeitos da ectoplasma em paracirurgias. Assim, reforça-se a preferência por aludir, novamente, a métodos científicos (no plural) quando o assunto é pesquisa conscienciológica.

Independentemente da especificidade do tema e do objeto de pesquisa, há um conjunto de 7 etapas envolvidas no desenvolvimento de qualquer autoinvestigação técnica no âmbito da Conscienciológica, compondo o chamado *Ciclo da Autopesquisa*:

1. **Ponto de partida:** identificação da necessidade de realizar determinada investigação.
2. **Escolha do tema:** seleção do viés e do escopo da abordagem pesquisística.
3. **Elaboração do roteiro:** trilha autoinvestigativa a ser percorrida.
4. **Análise das fontes:** levantamento, consulta, leitura e exame dos recursos investigativos próprios e alheios.
5. **Escolha das técnicas autopesquisísticas:** seleção dos procedimentos mais adequados ao desenvolvimento das autoinvestigações.
6. **Seleção das variáveis:** levantamento dos fatores intervenientes relacionados ao tema de autoinvestigação.
7. **Acabativa autoinvestigativa:** encaminhamento e finalização do processo de autopesquisa, podendo desencadear novo ciclo investigativo (LOPES, 2020).

CIENTIFICIDADE E AUTOCIENTIFICIDADE

Também na Conscienciológica, a cientificidade é o elemento que confere credibilidade ao processo investigativo e seus respectivos achados. O diferencial aqui, é, conforme apontado acima, a inclusão da multidimensionalidade, multiveicularidade e multiexistencialidade ao longo de todo o percurso autopesquisístico, o que nos leva ao termo ‘paracientificidade’.

A esse respeito, Vieira (2009, p. 19) afirma que “a distinção entre a Ciência e a pseudo-ciência é inconfundível” e recomenda enfaticamente que:

1. Seja observado se “cada questão ajuda aos princípios da Ciência ou existe isolada”.
2. Enfatize-se a racionalidade e privilegie-se a objetividade.
3. Busque-se separar as seguintes ocorrências ou realidades: a) a verdade da ficção (auto-discernimento); b) a realidade da imagística (imaginação); c) o fato do artificialismo (fabricação) e d) o acerto do erro lógico (exatidão).

Em estudo voltado à determinação das características corroborativas da cientificidade da Conscienciológica, Oliveira (2020, p. 148 e 150-152) as classifica em 3 grupos:

1. **Bases fundamentadoras:** referem-se ao desenvolvimento, caráter e práticas da Conscienciológica, com destaque para a autoexperimentação consciencial ao modo de método científico dessa neociência.
2. **Bases estruturantes:** compreendem as teorias e práticas (dimensões conceitual e sintática) típicas da investigação conscienciológica, representadas pelo Princípio da Descrença e todo o arcabouço do paradigma consciencial.
3. **Bases sustentadoras:** envolvem todos os referendos asseveradores do caráter científico da Conscienciológica. Tais bases incluem o corolário científico (hipóteses, justificativa, linguagem própria, objetivos, pergunta de pesquisa, sistematização e verdade relativa), procedimentos técnicos (debates, detalhismo, exaustividade, laboratórios) e legado do conhecimento (amplo acervo de publicações de diversas ordens).

Quando o assunto é autopesquisa, é preciso ter claro que se trata de atividade que se realiza na forma de autoexperimentação, na qual o investigador é, ao mesmo tempo, o investigado. Nessa condição, mantém-se atento aos fatos e parafatos, empregando instrumentos e técnicas adequados à coleta, análise e interpretação dos dados obtidos.

Para Seno & Tedesco (2020, p. 140), importa

saber extrair das autovivências os achados pesquisísticos, observando-os, analisando-os e interpretando-os de modo mais lúcido e maduro para, no exercício continuado do neo-hábito, alcançar as próprias neoverpons e assistir melhor pelo aprofundamento da própria autopesquisa.

É a partir desse contexto de autopesquisa que entra em jogo a autocientificidade,

qualidade do autoconhecimento e do modo sistemático e teático de adquiri-lo, sem crenças ou dogmatismos, obtido pela investigação contínua da própria consciência, com enfoque multidimensional, multiveicular, multiexistencial, cosmoético e pró-evolutivo, utilizando técnicas autopesquisísticas e conscienciométricas com rigor metodológico (Kauati, 2018, p. 2.557).

De acordo com a autora acima, são 15 os atributos conscienciais da autocientificidade:

01. Abertismo.
02. Antidogmatismo.
03. Autocriticidade.
04. Autodidatismo.
05. Autodiscernimento.
06. Bibliofilia.
07. Cientificidade.
08. Descrenciologia.
09. Intelectualidade.
10. Logicidade.
11. Neofilia.
12. Omniquestionamento.
13. Parapsiquismo.
14. Racionalidade.
15. Tecnicidade.

III. GESCONOGRAFIA: A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Uma vez concluída, é desejável que a autopesquisa seja tornada pública, o que geralmente é realizado por meio de um texto, nos moldes de artigo científico ou, se for o caso, um livro. Comunicações orais em eventos, a exemplos de congressos, simpósios e encontros, entre outros, podem ocorrer paralelamente à via textual, sem, contudo, prescindir dela.

Para Seno (2013, p. 173), o papel essencial do texto científico é oferecer

informação factual, baseada em experiências, estudos e análises, levantando hipóteses de pesquisa para alcançar comprovação ou refutação. Pretende discutir ideias, refutar proposições e encontrar validações ou não para as problemáticas pesquisadas, segundo o paradigma adotado.

Deste modo, textos são formas eficazes e perenes de registro, difusão e troca de ideias e achados pesquisísticos. Nessa condição, realizam importante trabalho assistencial junto a considerável número de *conscins*. “O intercâmbio de ideias é forma híbrida de experiência: a da própria consciência com a do outro” (Seno, 2013, p. 168).

A atitude reflexiva é pré-requisito para uma comunicação escrita satisfatória. Ressalte-se que é também a partir da reflexão que se problematizam os fatos e parafatos a serem investigados pelo pesquisador. Contudo, “escrever exige conhecimento técnico” (Seno, 2013, p. 169) e, portanto, vai muito além do domínio da habilidade de refletir.

Um excelente passo nesse sentido é realizar leituras acompanhadas da elaboração de resumos do conteúdo lido (Seno, 2013, p. 166), até porque a leitura, para fins de revisão bibliográfica, é atividade inerente a qualquer pesquisa.

Adicionalmente, a leitura crítica e seletiva povoa a holomemória de informações e saberes relevantes para a evolução consciencial, promovendo associações mentais que favorecem a recuperação de *cons* e potencializam a pró-evolutividade e a pró-assistencialidade (*Ibid.*).

Isto posto, cabe reiterar a importância do maior investimento possível na chamada tridotação consciencial: *intelectualidade-parapsiquismo-comunicabilidade* (Vieira, 1994, p. 673).

IV. AUTOPESQUISA E GESCONOGRAFIA EM COLÉGIO INVISÍVEL DA CONSCIENCILOGIA: UMA EXPERIÊNCIA

O relato a seguir refere-se à iniciativa levada a termo no Colégio Invisível da Dessomatologia (CID), com vistas a oferecer iniciação científica a voluntários sem embasamento em pesquisa.

BREVE HISTÓRICO

Em dezembro de 2018, a equipe gestora identificou a necessidade de realizar trabalho destinado a capacitar membros do Colégio para a auto e heteropesquisa. Na ocasião, formalizou convite a este autor para que encabeçasse a atividade já no início do ano seguinte.

Aceito o convite, este pesquisador tratou de realizar uma sondagem de expectativas e necessidades junto aos 14 interessados. A demanda mais recorrente entre os consultados apontou para os fundamentos da atividade investigativa, o “beabá” da pesquisa, como se referiram alguns.

Conhecidas as demandas, foi elaborado um plano de trabalho mais abrangente, voltado à formação inicial de pesquisadores da Conscienciologia. Nele seria dada ênfase aos aspectos comuns a, praticamente, qualquer investigação que se pretenda científica, para que, posteriormente, fossem atendidos interesses individuais mais específicos, em termos de especialidade, tema e objeto de pesquisa conscienciológica.

Nesse sentido, seriam as discussões conduzidas durante as aulas que permitiriam contemplar questões diretamente vinculadas ao universo conscienciológico e, mais especificamente, ao foco de interesse de cada um dos aspirantes a pesquisadores.

Tratava-se, portanto, de um curso básico, voltado prioritariamente à capacitação dos participantes na eleição de problemas de pesquisa e no planejamento e execução de investigações que resultassem em conhecimento passível de publicação. Aspectos básicos relacionados à grafopenidade seriam tratados quando da abordagem da coleta, registro de dados, estrutura geral de projeto e relatório de pesquisa.

Em suma, uma introdução ao universo da pesquisa, após a qual esperava-se que cada voluntário buscasse, no amplo leque de opções oferecidas pela CCCI, o curso que mais lhe proporcionasse o aprofundamento desejado.

Por mais de uma ocasião, constatou-se, pela fala dos inscritos, uma forte propensão a considerar o então chamado Programa *Fundamentos da Pesquisa* ao modo de “treinamento”. Respeitosamente, informamos a eles que a iniciativa em questão se configurava mais como minicurso e que por isso não adotaríamos aquela denominação. O termo “treinamento” poderia sugerir uma aprendizagem puramente mecânica, por repetição, e o que se propunha era um trabalho com predomínio do mental, a despeito do forte caráter procedimental do conteúdo a ser desenvolvido.

Os interessados foram informados a respeito das ideias subjacentes ao referido Programa, incluindo-se aqui o fato de que as aulas seriam preferencialmente marcadas por diálogos a respeito do assunto em pauta, sempre com o intuito de atender às necessidades apontadas.

Por solicitação de alguns membros e concordância entre os demais, ficou definido que o Programa teria início em 05/02/2019, com reuniões quinzenais, às terças-feiras, das 19h30min às 20h30min. E assim se deu, inicialmente com 11 alunos-pesquisadores e um ministrante.

O período de fundamentação teórica utilizou quatro encontros (de 05/02 a 12/03). Conforme previsto, a dinâmica das aulas empregou a exposição dialogada, com ampla participação dos alunos.

De 26/03 a 24/09, ocorreram as apresentações e discussões coletivas de projetos, totalizando 15 encontros. A seguir, este autor passou a realizar orientações individuais a partir de solicitação dos interessados. A esta altura, o grupo contava com 8 aspirantes a pesquisadores e este orientador. As orientações, conduzidas junto a três integrantes, estenderam-se até 19/12.

Em 2020, o Programa foi novamente oferecido aos voluntários do CID, com o propósito de atender a novos integrantes e àqueles que não puderam participar da versão anterior. Escopo, duração, periodicidade e dinâmica das aulas foram mantidos, porém com pequenos ajustes no conteúdo programático e recursos didáticos, notadamente textos, que passaram a contemplar alguma literatura conscienciológica adicional. Tais modificações partiram de necessidades identificadas pelo ministrante e de sugestões dos participantes da experiência de 2019.

Participaram dessa segunda versão, 9 voluntários. A exemplo da edição de 2019, foram utilizados 4 encontros (de 12/03 a 02/04) para a etapa de fundamentação teórica. Apresentação e discussão coletiva de projetos empregaram 15 encontros, concluídos em 10/11. A partir de então, este pesquisador passou a atender, individualmente, duas integrantes que encontravam-se redigindo artigos para o VI Congresso Internacional de Projeciologia (CIPRO).

Até a finalização deste artigo, não ocorreram novas edições do Programa *Fundamentos da Pesquisa* no Colégio, porém o trabalho de orientação permanece ativo, a partir da solicitação dos interessados.

O QUE A EXPERIÊNCIA REVELA

Ao longo de praticamente dois anos à frente do Programa, este autor pode constatar, entre os participantes, forte incidência de situações envolvendo as atividades de pesquisa e escrita, todas

elas extremamente relevantes para que um Colégio Invisível da Conscienciologia efetivamente coloque em marcha sua *proéxis* grupal. Tais constatações são listadas abaixo, em ordem numérica:

1. Independentemente do tempo de voluntariado na Conscienciologia, a maioria dos membros do Colégio desconheciam, teórica ou praticamente, o que é pesquisar.

2. Em decorrência ou não do aspecto acima citado, confundiam enfaticamente pesquisa e comunicação escrita, entendendo-as como análogas.

3. A [suposta] falta de domínio da escrita pode ser considerada quase unânime entre os participantes de ambas as edições do curso, sem que isso estivesse necessariamente vinculado ao nível de escolaridade. Embora nenhum estudo sistemático e aprofundado tenha sido realizado por este pesquisador, a atenção às manifestações daquelas *conscins* em situação de aula sugere fortemente estarmos diante do fenômeno do *travão da escrita* (Arakaki, 2014, p. 29), em suas mais variadas nuances.

4. Até onde foi possível apurar, o fenômeno em questão, provavelmente, inviabilizou a condução de investigações, especialmente, mas não apenas, nas situações em que o voluntário não distinguia entre as atividades de pesquisar e escrever. Nesses casos, como decorrência, parece ter emergido o *travão da pesquisa*.

5. Na presença de *conscins* já pesquisadoras, ainda que boa parte delas fosse iniciante, o voluntário tendia a reforçar seu sentimento de inaptidão para a atividade, embora desejasse muito realizá-la. Reforçava-se, assim, o *travão* supracitado.

6. A dificuldade em redigir parece não ter afetado a prática de registrar vivências parapsíquicas e sinaléticas pessoais em diários e afins. Contudo, os casos mais recorrentes referiam-se a não saber o que fazer com páginas e mais páginas de anotações.

7. Aparentemente, o autodidatismo exibido por diversos participantes do Programa não lhes foi útil para instrumentá-los a conduzir uma autoinvestigação cientificamente válida. Condição muito comum foi, por exemplo, a de querer iniciar a autopesquisa sem sequer ter eleito um problema sobre o qual debruçar-se.

ARGUMENTAÇÕES CONCLUSIVAS

Ser voluntário de Instituição ou Organização Conscienciocêntrica não faz da *conscin* um pesquisador, da mesma forma que a conquista de autoconhecimento a partir de vivências não significa que se esteja realizando autopesquisa.

Em termos científicos, pesquisa requer o domínio de certas habilidades, boa parte delas de cunho procedimental, cuja apropriação geralmente ocorre por meio do exercício regular, ou seja, dos 90% de prática que compõem a *teática*.

Entre tais habilidades, merecem destaque a reflexividade e a criticidade, componentes fundamentais do rigor científico e viabilizadores da problematização. Esta, ressalte-se, é o ponto de partida de qualquer pesquisa científica, seja ela conscienciológica ou não.

A propósito, um cotejo entre os 12 atributos do conhecimento científico (seção I) e o *Ciclo da Autopesquisa* (seção II) nos mostra claramente que a delimitação do problema não é o único aspecto comum entre a pesquisa em Conscienciologia e a realizada em outras ciências. Mais ainda, é fundamental ter em conta que, em vários casos, investigações conscienciológicas são conduzidas na interface com diversas ciências, frequentemente empregando os mesmos instrumentos e técnicas.

Assim, a formação inicial do pesquisador em Conscienciologia guarda muita semelhança com a de outro pesquisador de qualquer área científica, respeitadas as especificidades, evidentemente. As bases, porém, são as mesmas: delimitação do problema, formulação de hipóteses, revisão da literatura, planejamento da pesquisa, coleta e interpretação dos dados e síntese conclusiva.

E são exatamente essas bases que, na visão deste autor, devem ser trabalhadas junto aos aspirantes a pesquisadores de um Colégio Invisível da Conscienciologia. Os conceitos e técnicas fundamentais dessa neociência geralmente já foram apropriados por esses voluntários, já que eles participaram de cursos, oficinas, dinâmicas e laboratórios. Conseqüentemente, é comum que já demonstrem interesse por uma ou mais especialidades da Conscienciologia, além de possuírem volume considerável de anotações, registros e memórias.

Nessa linha de raciocínio, o grande traço-faltante (*trafal*) parece ser o olhar pesquisístico. Afinal, *o que os olhos não vêem, a consciência não investiga*. Por isso, a melhor conduta no sentido de conquistar o referido traço é oportunizar a essas *conscins* o desenvolvimento do olhar curioso, inquiridor e crítico, juntamente com conceitos básicos em Ciência e, mais particularmente, pesquisa.

É certo que medidas dessa natureza não oferecem formação aprofundada, mas contribuem sobremaneira para colocar o voluntário no caminho da investigação conscienciológica, algo que, geralmente, ele deseja muito fazer, mas desconhece por onde deve iniciar.

A questão da escrita é igualmente importante e deve ser contemplada nesse esforço voltado à formação inicial, porém, para este autor, a ênfase nesse primeiro momento deve recair sobre a pesquisa propriamente dita. A experiência tem indicado que a ausência da habilidade para escrever não impede necessariamente alguém de realizar investigações, desde que ele ou ela domine ao menos os rudimentos da atividade. Por outro lado, aquele com bom desempenho redacional, dificilmente conseguirá realizar satisfatoriamente uma pesquisa, sem saber o que ela significa.

O ponto aqui é manter o foco em um objeto específico para formação apenas, neste caso, a autopesquisa. Ressalte-se que a rotina de um Colégio geralmente não comporta iniciativa que se destine a capacitar seus integrantes em pesquisa e escrita simultaneamente.

Com domínio teórico e instrumental básico sobre como se dá uma investigação, o voluntário estará mais preparado para contribuir e beneficiar-se do conteúdo das reuniões, além de identificar com muito mais clareza seus *trafais* pesquisísticos e gesconográficos, cujo alcance poderá ser grandemente facilitado pela frequência aos cursos, oficinas e campos mentaissomáticos oferecidos pela CCCI.

Embora reconheça que formar pesquisadores não seja a razão primeira de um Colégio Invisível da Conscienciologia e que diversas ICs atualmente oferecem cursos com esse propósito, este autor entende que, dadas as circunstâncias explicitadas na Introdução, essas Organizações Conscienciocêntricas não devem se furtar a oferecer uma fundamentação pesquisística aos voluntários que dela necessitam. Para tanto, é recomendável que identifiquem, entre seus membros, aqueles que possuam conhecimento, disponibilidade e disposição para desenvolver, junto ao grupo, um trabalho destinado à formação inicial em pesquisa, favorecendo a geração coletiva de *verpons*. Importante salientar o grande diferencial que a figura de um *orientador* representa para o melhor desfecho desse empenho formativo.

Com base na experiência apresentada, nas devolutivas oferecidas pelos participantes do Programa e nas reflexões do autor, segue abaixo, a título de sugestão, lista de assuntos a serem contemplados em iniciativa semelhante no âmbito de Colégio Invisível da Conscienciologia. O símbolo (*), ao final de um tópico, indica trabalho concomitante com escrita.

01. Generalidades sobre Ciência: Revolução Científica; cotejo entre Ciência, senso comum e conhecimento religioso.
02. Ciências Formais, Naturais, Sociais e Humanas.
03. Método Científico clássico.
04. O problema de pesquisa.
05. Percurso “problema-pergunta-hipótese”.
06. Estratégias de verificação: coleta de dados e tipos de pesquisa.
07. Cientificidade e autocientificidade.
08. Autopesquisa conscienciológica. (*)
09. O projeto de pesquisa: elementos fundamentais. (*)
10. Relatório de pesquisa: estrutura de um artigo científico. (*)

Recomenda-se que, previamente à adoção de qualquer medida concreta voltada à formação inicial de pesquisadores, os responsáveis por ela realizem criteriosa sondagem de necessidades e expectativas junto aos interessados, preferencialmente pela via do diálogo, a fim de que o plano de trabalho seja alinhado às mesmas. Adicionalmente, avaliações em processo, encontro a encontro, fornecerão os dados necessários para manutenção ou correção do que foi planejado em termos de conteúdo e/ou forma.

REFERÊNCIAS

01. **Almeida**, Roberto; **Colégios Invisíveis da Conscienciológica**; Artigo; *Conscientia*; Revista; Trimestral; Ano 4; N.3; *Centro de Altos Estudos da Conscienciológica* (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2000; páginas 196 a 201.
02. **Arakaki**, Kátia; **Travões na Escrita**; Artigo; *Scriptor*; Revista; Anual; Ano 5; N.5; *União Internacional de Escritores da Conscienciológica* (UNIESCON); Foz do Iguaçu, PR; 2014; páginas 29 e 30.
03. **Japiassu**, Hilton; **Marcondes**, Danilo; **Dicionário básico de Filosofia**; pref. Hilton Japiassu & Danilo Marcondes; 265 p.; bibliografia consultada; abreviaturas; índice de nomes e assuntos; 23 x 16 cm; 2ª Ed. Revisada; br.; Ed.; Jorge Zahar Editor; Rio de Janeiro, RJ; 1993; páginas 48 e 49.
04. **Kauati**, Adriana; **Autocientificidade**; verbete; In: **Vieira**, Waldo; Org.; *Enciclopédia da Conscienciológica*; apres. Coordenação da ENCYCLOSSAPIENS; revisores Equipe de Revisores da ENCYCLOSSAPIENS; CLXXIV+23.004 p.; 1.112 citações; 11 cronologias; 33 *E-mails*; 206.055 enus.; 602 especialidades; 1 foto; glos. 4.580 termos (verbetes); 701 microbiografias; 270 tabs.; 702 verbetógrafos; 28 *websites*; 670 filmes; 54 videografias; 1.087 webgrafias; 13.896 refs.; 9ª Ed. rev. e aum.; Digital; *Associação Internacional de Enciclopedia Conscienciológica* (ENCYCLOSSAPIENS); & *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2018; ISBN 978-85-8477-120-2; páginas 2.557 a 2.562; disponível em: <<http://encyclossapiens.space/nonalECDigital9.pdf>>; acesso em: 04.05.22; 15h49.
05. **Lopes**, Tatiana; **Ciclo da Autopesquisa**; verbete In: **Vieira**, Waldo; Org.; *Enciclopédia da Conscienciológica*; verbete N. 5125, apresentado no *Tertularium*/ CEAEC, Foz do Iguaçu, PR; 15.02.20; disponível em: <<http://encyclossapiens.space/buscaverbete>>; acesso em: 18.05.22; 15h10.
06. **Mayr**, Ernst; **This is Biology: The Science of the Living World**; pref. Ernst Mayr; 1 Vol.; 328 p.; 12 caps.; glos. 167 termos; 176 notas; 319 refs.; alf.; 24 x 15 cm; br.; *The Belknap Press of Harvard University Press*; Cambridge, Massachusetts; USA; 1997; páginas 30 e 31.
07. **Oliveira**, Nilse; **Características Corroborativas da Cientificidade na Conscienciológica**; Artigo; *Conscientia*; Revista; Anual; Vol. 24; N.2; *Centro de Altos Estudos da Conscienciológica* (CEAEC) Foz do Iguaçu, PR; 2020; páginas 147 a 157.
08. **Schwab**, Joseph J. **The concept of the structure of a discipline**. In: **Eisner**, Elliot W.; & **Vallance**, Elizabeth; *Conflicting Conceptios of Curriculum*; coord. Elliot W. Eisner; & Elizabeth Vallance; epíl. Elliot

W. Eisner; int. Elliot W. Eisner; & Elizabeth Vallance; 200 p.; 5 partes; 12 caps.; alf.; 23,5 x 15,5 cm; br.; *McCutchan Publishing Corporation*; Berkeley, California; USA; 1977; página 163.

09. **Seno, Ana; *Comunicação Evolutiva nas Interações Conscienciais***; pref. Málu Balona; revisores Equipe de Revisores da Editares; 342 p.; 4 seções; 29 caps.; 36 citações; 1 diagrama; 22 *E-mails*; 70 enus.; 2 esquemas; 2 fluxogramas; 1 foto; 4 ilus.; 1 microbiografia; 1 planilha; 9 tabs.; 20 *websites*; glos. 181 termos; 17 filmes; 183 refs.; 2 apênds.; 23 x 16 cm; br.; *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2013; páginas 166, 168, 169 e 173.

10. **Seno, Ana & Tedesco, Lia; *Interação Autocientificidade-Autovivência Aplicada à Grupalidade***; Artigo; *Conscientia*; Revista; Anual; Vol. 24; N.2; *Centro de Altos Estudos da Conscienciologia* (CEAEC) Foz do Iguaçu, PR; 2020; páginas 136 a 146.

11. **Vieira, Waldo; *Conscienciologia***; verbete; In: **Vieira, Waldo; Org.; *Enciclopédia da Conscienciologia***; apres. Coordenação da ENCYCLOSSAPIENS; revisores Equipe de Revisores da ENCYCLOSSAPIENS; 27 Vols.; 23.178 p.; Vol. 9; 1.112 citações; 11 cronologias; 33 *E-mails*; 206.055 enus.; 602 especialidades; 1 foto; glos. 4.580 termos (verbetes); 701 microbiografias; 270 tabs.; 702 verbetógrafos; 28 *websites*; 670 filmes; 13.896 refs.; 54 videografias; 1.087 webgrafias; 13.896 refs.; 9ª Ed. Digital; rev. e aum.; *Associação Internacional de Enciclopediologia Conscienciológica* (ENCYCLOSSAPIENS); & *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2018; ISBN 978-85-8477-118-9; página 6.619 a 6.623; disponível em: <<http://encyclossapiens.space/nona/ECDigital9.pdf>>; acesso em: 06.05.22; 16h28min.

12. **Idem; *Homo sapiens reurbanisatus***; revisores Equipe de Revisores do Holociclo; 1.584 p.; 24 seções; 479 caps.; 139 abrevs.; 12 *E-mails*; 597 enus.; 413 estrangeirismos; 1 foto; 40 ilus.; 1 microbiografia; 25 tabs.; 4 *websites*; glos. 241 termos; 3 infográficos; 102 filmes; 7.665 refs.; alf.; geo.; ono.; 29 x 21 x 7 cm; enc.; 3ª Ed. Gratuita; *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia* (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2004; página 1.098.

13. **Idem; *Léxico de Ortopensatas***; revisores Equipe de Revisores do Holociclo, CEAEC & EDITARES; 3 Vols.; 2.084 p.; Vols. I e II; 1 blog; 652 conceitos analógicos; 22 *E-mails*; 19 enus.; 1 esquema da evolução consciencial; 17 fotos; glos. 7.518 termos; 1.811 megapensenes trivocabulares; 1 microbiografia; 25.183 ortopensatas; 2 tabs.; 120 técnicas lexicográficas; 19 *websites*; 28,5 x 22 x 13cm; enc.; 2ª Ed. rev. e aum.; *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2019; página 1.301.

14. **Idem; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano***; revisores Alexander Steiner; *et al.*; 1.254 p.; 18 seções; 525 caps.; 150 abrevs.; 17 *E-mails*; 1.156 enus.; 1 escala; 1 foto; 3 gráfs.; 42 ilus.; 1 microbiografia; 1 sinopse; 2 tabs.; 15 *websites*; glos. 300 termos; 2.041 refs.; alf.; geo.; ono.; 28 x 21 x 7 cm; enc.; 10ª Ed.; *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2009, página 11.

15. **Idem; *700 Experimentos da Conscienciologia***; 1.058 p.; 40 seções; 100 subseções; 700 caps.; 147 abrevs.; 1 cronologia; 100 datas; 1 *E-mail*; 600 enus.; 272 estrangeirismos; 2 tabs.; 300 testes; glos. 280 termos; 5.116 refs.; alf.; geo.; ono.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; *Instituto Internacional de Projeciologia*; Rio de Janeiro, RJ; 1994, página 673.

16. **Zaslavsky, Alexandre; *Autoexperimentação Consciencial: O Método Científico Conscienciológico***; Artigo; *Conscientia*; Revista; Anual; Vol. 23; N.3; *Centro de Altos Estudos da Conscienciologia* (CEAEC) Foz do Iguaçu, PR; 2019; páginas 147 a 158.

17. **Idem; *Métodos Científicos Conscienciológicos***; Artigo; *Conscientia*; Revista; Anual; Vol. 25; N.3; *Centro de Altos Estudos da Conscienciologia* (CEAEC) Foz do Iguaçu, PR; 2021; páginas 436 a 446.

Wanderley Carvalho é professor universitário aposentado. Doutor e mestre em Educação (PUC-SP); especialista em Biologia Celular e Histologia Geral Aplicadas às Ciências Biológicas e da Saúde pela Escola Paulista de Medicina (UNIFESP); licenciado em Ciências Biológicas. Estudioso da Conscienciologia desde 2004, voluntário do Colégio Invisível da Dessomatologia-CID de 2019 a 2022 e do Colégio Invisível da Biografologia desde 2021. Verbetógrafo. Coorganizador e coautor do livro *Dessoma: novas abordagens para o estudo da morte* (2019).

E-mail: quercus.wan@gmail.com
